

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

043

Assalto no Caminho Novo

Série que lembra casos históricos da crônica policial gaúcha destaca a morte de funcionário da Viação Férrea durante um roubo na Porto Alegre dos anos 30



O local do crime, na Voluntários (ao lado), e a identificação da família de suspeito



José Goulart

No início da década de 30 do século passado, a Rua Voluntários da Pátria era um dos pontos mais movimentados da capital gaúcha. Ali se concentrava boa parte do comércio.

Os roubos de táxis rareavam.

Por isso, chamou atenção a série repetida de assaltos a carros de praça, naquela rua, no início da manhã. E com uma característica: os veículos eram sempre abandonados a algumas quadras de distância, sem que nada fosse roubado ou nada exigido em troca.



Artur Fonseca tinha o cargo de pagador da Viação Férrea e, entre suas atividades diárias, cabia-lhe transportar, da Estação Central até a tesouraria da empresa, localizada na esquina da Voluntários com a Rua Garibaldi, o dinheiro vindo de estações do interior do Estado. Por serem quantias geralmente vultosas, acompanhava-o um guarda ou um inspetor da empresa. Ambos, armados de revólveres, percorriam a pé o pequeno trecho de duas quadras.

Repetiu-se o ritual na manhã do dia 22 de janeiro de 1931. Artur convidou o inspetor José Goulart Sant'Anna para acompanhá-lo. E caminharam, despreocupados.

Na altura do prédio da empresa Kessler Vasconcellos e Cia., um desconhecido golpeou pelas costas o pagador e roubou-lhe a maleta com o dinheiro e mais dois pacotes. Antes de se dar conta do que acontecia, Artur foi baleado pelo agressor.

O inspetor José Goulart tentou reagir, mas foi atingido no tórax pelos dois outros assaltantes, instalados num carro estacionado na calçada.

Houve pânico entre a população da rua movimentada. Outro guarda da Viação Férrea saiu no encalço dos bandidos, mas o automóvel por ele usado teve um pneu furado. E os bandidos fugiram para um lugar distante, no Morro do Menino Deus, onde abandonaram o carro.

Embrenharam-se nos matagais das redondezas, chegaram a tirotear com a polícia, mas acabaram por desaparecer, ainda que fossem permanentes os cercos.

Vários suspeitos, enquanto isso, foram presos e liberados.

Ao final, além da morte do inspetor José Goulart, restou apenas uma certeza: tudo havia sido planejado com precisão, inclusive os roubos dos carros de praça, como eram chamados os táxis, à época.

E o produto do assalto – 67 contos de réis – sumiu com os assaltantes.

A insegurança da época foi retratada por esta manchete do Correio do Povo: “A cidade dos crimes impunes: no curto espaço de três anos, nada menos de 12 delitos impressionantes ficaram impunes em Porto Alegre, mercê da falta de aparelhamento da nossa polícia”.



Surgiu uma mulher na vida de Rudolf Kindermann. Ela usou-o para se desfazer de outro, com quem vivia em concubinato. Queria uma nova vida, de tranquilidade e paz. Já Rudolf esperava ter em Marta a mulher submissa e participativa de sua agenda de aventuras.

Ambos se equivocaram.

Marta Schämmedecke foi se assustando à medida que Rudolf confessou-

lhe seu passado e sua intimidade com João Papst, parceiro de várias outras ações delinquentes.

O susto inicial de Marta transformou-se em medo. Rudolf percebeu-o e ele passou a temer que ela o delatasse. Trancou-a a sete chaves. Mas não foi o suficiente.

Graças a um descuido, ela conseguiu fugir e os delatou, depois que Rudolf e Papst praticaram, em Curitiba, um assalto em tudo semelhante ao Crime do Caminho Novo, como passou a ser conhecido. Repetiu-se, lá, o expediente do roubo de carros ocorrido aqui, apenas para que eles se familiarizassem com as práticas da polícia curitibana.



João Papst Filho e Rudolf Kindermann foram julgados e condenados pelo crime ocorrido em Curitiba a 17 e 23 anos de reclusão. Em 1937, retornaram a Porto Alegre, para serem julgados pelo crime do Caminho Novo. Nesse mesmo ano, Rudolf faleceu na Casa de Correção em Porto Alegre. E Papst, depois de tentar ele próprio fazer sua defesa, por desentendimento com o advogado Vicor Graeff, acabou inocentado por 4 votos a 3.



O promotor Luiz Lopes Palmeiro, em seu arrazoado ao Tribunal do Júri, escreveu: “O homem é a fome e a agressão. A mulher é o medo e a segurança. Kinderman ignorava isso. E talvez pensasse que Marta fosse uma mulher à altura de sua audácia. Marta não era assim. Marta era apenas mulher”.

O crime

Vítima:

José Goulart
Sant'Anna

Época do crime:

Janeiro de 1931

Cidade:

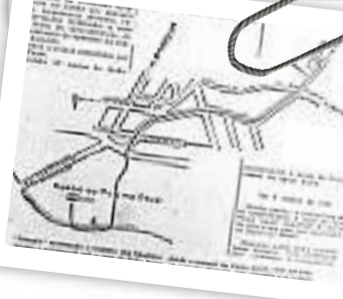
Porto Alegre

Suspeitos:

João Papst Filho e
Rudolf Kindermann

Motivação:

Financeira



Jornal Diário de Notícias fez mapa do trajeto percorrido pelos bandidos após o crime